

Bem-vinde ao CCLA

Hoje, você escolheu entrar num lugar novo. Um local que até agora só era um nome curioso que não remetia a nenhuma realidade concreta. Cultura talvez você saiba o que é, mas “libertária” pode ser que não faça sentido algum, até este momento...

Então, você fez bem em passar pela porta e ousar andar entre essas paredes cobertas de livros dos mais variados e que falam sobre maneira de como você e muitos como você são explorados economicamente, dominados por sistemas opressores, ostracizados e massacrados por preconceitos vindo de épocas recuadas e que são denominados “tradições”, “valores”. Pois é, você está no lugar de Belém onde se denuncia e repudia tudo isso, mas em que também se faz muito mais: aqui se constroem resistências, se projetam e organizam eventos e protestos, iniciativas e perspectivas para, finalmente, viver e conviver num mundo que tenha nossa cara.

Uma cara que não há uma cor específica, mas todas misturadas numa harmonia de nuances súteis. Nossa militância não tem uma religião em particular a não ser aquela do respeito às diversidades e identidades.

Não nos limitamos a pertencer a outra etnia que não seja a humanidade, mas ao mesmo tempo ela não sorri de maneira cúmplice e covarde diante de comportamentos e ideias opressoras, de autoritarismos dos mais diversos, da política de direita, do fascismo, e da exploração do trabalho da classe trabalhadora. Não passamos pano nos erros históricos das esquerdas institucionais e parlamentares quando elas deixam de ter clareza sobre as estratégias e táticas (bem como as metas) a serem seguidas e implementadas para acabar com as injustiças e os absurdos do nosso mundo.

Então, você está no local dos anarquistas de Belém, do Pará. A gente está feliz em poder acolher você aqui, bater papo, refazendo o mundo em torno de uma leitura, de um projeto, etc.

Portanto, seja bem-vinde ao CCLA!!

Saúde e Anarquia!



Histórico do CCLA

O Centro de Cultura Libertária da Amazônia - CCLA se une a um longo processo de enraizamento do anarquismo em solo do trópico úmido, fez-se parte integrante e constitutiva de uma cultura de luta e de resistência que emana da classe trabalhadora e de todo setor subalternizado da sociedade. É sempre bom contar a história por trás dos acontecimentos para que não caia no esquecimento. Lembrar também é um ato político de resistência e, ao fazer isso, estamos avivando todos aqueles, companheiros e companheiras que de alguma forma contribuíram para hoje estarmos aqui, fazendo história, construindo espaço e celebrando o fruto de uma luta.

Lembremos, por exemplo, que em Belém, no início da segunda década do século XX, a Federação das Classes Trabalhadoras do Pará inaugurou a escola Francisco Ferrer em homenagem ao educador anarquista Francisco Ferrer y Guardia, onde Bruno de Menezes deu aulas e, não obstante, se formou como militante anarquista do sindicalismo revolucionário. Sempre foi prática das organizações operárias a criação de centros e bibliotecas e, em Belém não foi diferente, tiveram várias. Até o final dos anos 50 do século passado, era o *locus* onde se podia aprender a ler e escrever, visto que escolas e liceus formais não eram acessíveis ao setor de baixo da sociedade paraense. Esses espaços funcionavam como ferramenta da classe subalternizada à sua instrução integral e de seus filhos e filhas.

Pois bem, eis que chegamos às décadas de 1990 e início dos anos 2000 período da morada da arte, espaço que abrigava várias categorias da classe trabalhadora e que também continha em seu interior o Centro de Cultura Libertaria (CCL), onde se podia entrar em contato com literatura, teatro, poema, música e toda uma vasta obra anarquista, foi por anos uma referência em Belém.

Hoje se faz salutar a organização de um espaço como este revestido de ideologia e práticas libertárias, em um período de recrudescimento do fascismo e do conservadorismo. O Centro de Cultura Libertária da Amazônia (CCLA) traz em seu nome a marca identitária amazônica, de nossas raízes – indígenas – negras - caboclas, também traz consigo fatores de uma continuidade do processo histórico da classe operária de Belém e do Pará.